

OS RITMOS DO CORPO E OS RITMOS DA ESCRITA EM VÉSPERA DE LUA

Véspera de Lua, de Rosângela Vieira Rocha.
Editora UFMG, 100 p. (romance)

Abrir o livro de Rosângela Vieira Rocha, *Véspera de Lua*, é, no mínimo, abrir-se para os ritmos de uma escrita que se fez no corpo e do corpo. Ritmo corporal, cíclico, lunar, ele próprio produtor de um sentido que se faz na materialidade dos significantes gerados numa escrita fluídica, menstrual, líquida e dolorosa.

O corpo que fala pelo fio que lhe vem de dentro, nele se escrevendo, impondo-lhe marcas, como a letra na folha branca de papel, é congruente com o corpo erótico do texto, que não pára de gerar um discurso excessivo, espiralado, voltado para si mesmo e para o ato de escrever.

Sujeito da enunciação, narrador ou personagem, impossível é separar essas várias instâncias que também se refletem em espelho, no gesto louco de criar sua própria significância, no deslizar incessante dos significantes que sustentam esse corpo textual, que é o seu próprio discurso.

Corpo preenchido por uma dor que ocupa todos os seus vazios, toda falta, repetitivo, abundante, revelador e mascarador de uma sexualidade que fala de si o tempo todo e, no entanto, não se diz toda. Sempre mais e mais. Luta inglória entre o corpo menstruado, ferido, e a palavra, também ferida, equivocada, que fala e cala. Tentativa vã de falar de si, mistério gozoso, como a dor, também gozosa, significa, como o sangue, escritura muda.

A cor vermelha do sangue dissemina-se por tudo, cortina rosa, veludo vermelho do carpete, num universo de signos que quer dizer além da menstruação, possibilidade e impedimento da palavra feminina ou palavra do feminino.

Feminino de Ângela/Rosângela, de rosa, mas também Rocha. De Paula, de Ruth, sujeito do desejo do pai sempre ausente (“seu nome é Paula, embora o pai quisesse Ruth. Quando a mãe insistiu em chamá-la Paula, ele, que talvez procurasse uma desculpa para ausentar-se de casa, passou quatro meses caçando e pescando no Araguaia”. p. 14), incapaz de ancorar o significante perdido, o nome próprio perdido, de uma sexualidade que não cessa de se buscar, pelo verbo. No verbo abundante que jorra por várias páginas, sem levar a nenhum porto definitivo.

Escrita feminina, hiperfeminina, pleonástica, homossexual, enquanto escrita de um gozo que goza em si mesmo. Escrita de nomes próprios: a letra E, letra suporte, âncora talvez insuficiente para suportar o sentido ou sem-sentido de Paula (ou Ruth, no desejo do pai), Ângela ou Rosângela, que não se decide por uma letra só.

Na contracapa do livro, fala-se em metáfora da menstruação relativa à busca da identidade feminina. Diz-se também, do feminino, que ele não tem um significante que o registre no inconsciente: por isso mesmo, ele não cessa de não se escrever. E este livro encena esse não-cessar de não se escrever, se escrevendo, contudo, na superfície do corpo que se sente vivo na dor: “E procura palavras, ah, as palavras, aí, palavras que digam o que seu corpo grita”. (p. 10).

O gozo do corpo dolorido é a própria letra que, no entanto, não se representa, só encontra sentido no silêncio, no não-dizer interminável.

Daí a procura dos nomes femininos designando a feminilidade no próprio texto do corpo feminino, por “essa inexistência de nomes adequados, que realmente expressem a beleza dessa coisa úmida com jeito de flor?” (p. 44).

Falar nessa coisa inominável, falta que a letra bordeja, para revelar sua própria vacuidade, no desfile dos nomes de mulheres, só vai se resolver, em termos de enunciado, na fala do **outro**, que limita e faz calar o próprio texto.

Parte final do romance, a fala de Ester se contrapõe à de Paula, mas não a complementa. Não é uma resposta: é o limite desse rumorejar de significantes, desse discursar sem fim, sempre orlando a morte, esse espaço não-representável, parente do feminino. Fala que rompe com o ritmo do discurso de Paula, que o detém e o faz enfim calar.

O romance **Véspera de Lua** encena, assim, poeticamente, entre o silêncio do texto e o grito do corpo, o teatro interminável do feminino, com sua impossibilidade cabal de resolução e com o gozo que produz pelo verbo que, paradoxalmente, o engendra.

RUTH SILVIANO BRANDÃO

Professora de Literatura Brasileira
da Faculdade de Letras da UFMG.
Doutora em Literatura Comparada.
Autora, com Lúcia Castello Branco,
de *A mulher escrita* (Rio de Janeiro,
Casa-Maria/LTC, 1989).